



D. Jorge Pina Cabral

O OLHAR

QUE SE TORNOU BENÇÃO

A leitura do Antigo Testamento em Deuterónimo 34,4 surpreende-nos com a declaração de Deus a Moisés: «Esta é a terra que eu prometi a Abraão, a Isaac e a Jacob que a havia de dar aos seus descendentes. Constei que a visses com os teus próprios olhos, mas não poderás lá entrar». A impossibilidade de Moisés entrar na terra prometida, parece-nos algo injusta. Com efeito, Moisés contra sua vontade guiou o povo de Israel durante 40 anos no deserto. A sua tarefa como líder e mediador entre Deus e o seu povo foi muito difícil e exigente. Por um lado, ele foi o profeta que apresentou as exigências de Deus e por outro o advogado que sempre defendeu o seu povo perante o Senhor. Homem humilde foi chamado por Deus para libertar o povo da escravidão do Egito e conduzi-lo até à terra que Deus tinha prometido a Abraão, a Isaac e a Jacob. Se com sacrifício cumpriu o que Deus lhe tinha pedido porque não pode agora usufruir do gozo da entrada na terra prometida?

Com esta e outras interrogações no pensamento visitei recentemente o Mosteiro da Batalha bem perto de Leiria. Como que fiz uma redescoberta de um templo maravilhoso marcado por um estilo de arquitetura que me é particularmente querido, o estilo gótico. A beleza e a luminosidade dos vitrais existentes, o tom claro e quente da pedra escolhida e trabalhada, a altura imponente das esbeltas colunas que sustentam a nave central da Igreja e a impressionante beleza do teto da capela do fundador (Rei D. João I), enquadram-se num conjunto de diversos espaços harmoniosamente ligados entre si e que nos permitem um passeio na história imbuído de uma profunda espiritualidade que nos eleva e aproxima de Deus. Ali respira-se e sente-se uma história não só marcada por feitos gloriosos e épicos, mas também e principalmente por uma procura e desejo de aproximação e gratidão à majestade, beleza e transcendência de Deus.

Chamou-me atenção a própria história e tempo de construção de todo o complexo do Mosteiro. Iniciada em 1386 só mais tarde no século XVI são finalizadas as chamadas «capelas imperfeitas». De D. João I a D. Manuel I a obra inicial é continuada por diversos reis, arquitetos e construtores que a foram assumindo e redesenhando em função de diferentes contextos e influências políticas, religiosas e arquitetónicas. Ao longo do tempo e de séculos a visão inicial vai ganhando diversos contornos e protagonistas no construir de uma história que partindo de uma visão particular passa a

ser património coletivo de um povo e hoje justamente também considerado de património mundial.

A visita ao Mosteiro da Batalha termina nas chamadas «capelas imperfeitas» que deveriam antes ser chamadas de «capelas inacabadas». O conjunto circular das sete capelas encontra-se a céu aberto dado que nunca se concluiu a cobertura das mesmas. O local ganha deste modo uma singularidade única já que o olhar do visitante se projeta para o infinito e a eternidade da abóbada celeste. As capelas inacabadas como que nos dizem que uma obra desta beleza e alcance nunca terá fim e não poderá ser terminada por mãos humanas.

Toda estas histórias e realidades presentes naquele mosteiro e monumento ajudam-nos a compreender que cada um de nós é chamado a integrar-se numa história coletiva maior que nos precede e continuará para além da nossa própria história singular e terrena. Somos como que um elo de uma cadeia e tradição que se tornará tanto mais bela e transcendente quanto formos capazes de nos dar e superar no chamamento que nos é feito e na vocação que nos é concedida realizar. A grandeza da nossa obra encontra-se mais nos novos desenvolvimentos que a mesma virá a proporcionar do que propriamente naquilo que viermos a construir ou tomar como nosso. Requer-se esta consciência humilde de que a dinâmica da construção do Reino de Deus inscrita na História da Salvação e iniciada com o chamamento de Abraão não depende só de mim e não se fina ao meu tempo histórico.

Longe de ter sido preterido, Moisés foi abençoado com a visão de uma terra e de uma pátria pela qual tanto trabalhou. A promessa de Deus tornou-se uma realidade visível a ser agora vivida e usufruída pelas novas gerações. O seu esforço não foi em vão e deu muito fruto. Assim a Moisés sucedeu Josué, «homem cheio de sabedoria» que a seu jeito e modo continuou um percurso histórico coletivo assente na visão de Deus e sempre sustentado pelo Seu cuidado e fidelidade.

Que cada um de nós, em particular neste tempo de exigência redobrada, se sinta parte de um caminhar coletivo que também requer o nosso contributo, os nossos dons e o nosso olhar... para o futuro.

Ámen

+ Jorge